

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**G** BOLETIM  
GOIANO *de*  
eografia

INSTITUTO DE ESTUDOS  
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

VOL. 20 - N.º 1 / 2 - JAN./ DEZ. 2000

# OS MENINOS VÃO À LUTA

Helena Angélica de Mesquita<sup>1</sup>

## 1. Introdução

Virada do milênio. São cinco séculos do “descobrimento” da América, do Brasil. O tempo passou, mas não passaram os massacres contra os trabalhadores, contra os meninos de rua e meninos do campo. Não bastara o sofrimento impingido a eles pelo salário mínimo, más condições de vida e desemprego puro e simples, ainda são protagonistas de episódios como o da Candelária, Carandiru, Eldorado dos Carajás, Corumbiara, Favela Naval e tantos outros locais que serviram de palco para mortes “no atacado e no varejo”.

Os meios de comunicação são pródigos a mostrar toda sorte de violência: mortes, seqüestros, estupros, roubos, corrupção, invasão de terras e de prédios. É muito importante o papel da mídia para evidenciar tudo isso, porém, cabe fazer a distinção entre as mais diferentes formas de violência, os violentadores e os violentados. Os meios de comunicação acabam homogeneizando e generalizando o que é muito diferente e têm gêneses diversas.

As propostas do governo quando é chacoalhado por um episódio violento são anunciar medidas paliativas, tais como aumentar a repressão com mais armamento para a polícia, aumentar os efetivos militares, treinar melhor os policiais, proposta de reduzir a idade de responsabilidade criminal, e aventar-se até a possibilidade de pena de morte, enquanto as pessoas que podem circular em carros blindados e escondem-se em fortalezas de muros e alarmes.

Às vezes nos sentimos de “alma lavada” quando um político poderoso é preso por algumas horas, isso dá a sensação que a justiça está funcionando.

Mas até quando vai sustentar-se tal situação?

Qual a perspectiva de mudança?

As causas desta situação não são mostradas pela mídia, mas são do

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Geografia da UFG – Campus de Catalão. Doutoranda em Geografia Humana pela USP. E-mail: helena@wgo.com.br

conhecimento de muitos.

## 2. Quem São os Meninos que Lutam e porque Lutam?

O Brasil é o 2.º país em concentração de terras, perde só para o Paraguai. Porém, com relação às desigualdades sociais, as diferenças entre ricos e pobres, o Brasil é campeão absoluto. Em um país onde “os ricos ficam mais ricos”, e muitas vezes acima da lei, e “os pobres ficam cada vez mais pobres”, qualquer política de natureza repressiva terá pouca eficácia. Criminalizar meninos de rua e sem-terra além, de ser um exemplo da política medíocre, não resolve os problemas.

As ações das populações reprimidas e excluídas são classificadas de baderna e subversão da ordem, e os atores são tidos como marginais. Então, toda essa “baderna” promovida por estes “marginais” tem uma causa muito mais séria do que aquela que é veiculada pela mídia. No fundo, entre outros problemas está a questão agrária não resolvida. Questão agrária, no sentido mais amplo, que vai, além da própria reforma agrária, que, no dizer de José de Souza Martins<sup>2</sup>, seria a solução da questão, daquela que diz respeito a terras dos índios, dos posseiros, dos seringueiros, assim como às políticas agrícolas e agrárias e até mesmo ambientais que acabam por privilegiar o latifúndio.

Cada conjuntura que o Brasil atravessa tem servido para reforçar a estrutura fundiária cada vez mais concentrada e que exclui maiores parcelas de trabalhadores do acesso à terra.

A história tem mostrado que os desterrados e desterritorializados têm-se organizado e têm enfrentado esta estrutura secular de dominação e espoliação. Os camponeses têm conseguido romper este atraso e, de certa forma, colocar a questão em evidência, além de provocar a discussão na sociedade. Em certas situações, têm provocado até indignação, que por si só não resolve os problemas, mas, pelo menos, é uma forma de provar que algo está errado na condução da política brasileira em geral e em especial, nas políticas agrárias e agrícolas.

---

<sup>2</sup> MARTINS, José de Souza . Revisando a questão agrária. In: *Boletim do militante*, n. 27, dezembro/96. p. 30-57.

Os meios de comunicação têm notificado que, no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), a reforma agrária está acontecendo, porque se tem assentado um número grande de famílias. Mas segundo o professor Mançano<sup>3</sup>, os assentamentos não se constituem em Reforma Agrária. Porque, em sua maioria, são criados a partir de ocupações promovidas pelos camponeses, e então o governo é forçado a agir. Das 299.332 famílias assentadas no governo FHC, 256.467<sup>4</sup> são famílias invasoras. Mas, os assentamentos, apesar de necessários e eficientes, não alteram o poder dos latifundiários, pois os latifúndios continuam intocados e intocáveis.

Se o governo FHC está “promovendo” a reforma agrária, por outro lado está aumentando as dificuldades dos pequenos produtores e reduzindo os empregos no campo e, o que é mais grave, a repressão aos movimentos dos trabalhadores tem sido muito mais pronta e ferrenha. Mesmo assim surgem novas formas de reivindicações e protestos.

São novas frentes de luta e resistência que se abrem e, nestas frentes, começa a aparecer um novo personagem, “novo” em todos os sentidos. É uma nova geração de trabalhadores, uma segunda geração de sem terra, sem teto, sem emprego e sem medo. São jovens, ainda meninos que, na ausência de expectativa, começam a perceber a possibilidade de acesso à terra como alternativa viável e única esperança. O próprio ministro Raul Jugmann reconhece “o surgimento da segunda geração dos sem terra é o fenômeno social mais importante desde a criação do MST, no começo da década de 80”<sup>5</sup>. Então estes meninos e meninas empunham as bandeiras de luta com muita coragem e determinação, afinal muitos deles já têm escola e o saber da experiência dos pais e o ministro sabe disso, assim como sabe que não são somente os meninos do MST, mas milhões de outros meninos que aspiram cidadania.

É um novo fenômeno social que ainda não está recebendo a atenção

---

<sup>3</sup> Prof. Dr. Bernardo Fernandes Mançano. UNESP– Presidente Prudente.

<sup>4</sup> *Folha de São Paulo*, 02.01.2000. Brasil 1-11.

<sup>5</sup> *Revista VEJA*, 26 de abril de 2000 p. 39.

<sup>6</sup> Sobre o Massacre de Corumbiara existe um documentário em vídeo intitulado “Corumbiara: o massacre dos camponeses”, à disposição na Comissão Pastoral da Terra (CPT) nacional em Goiânia.

que merece.

Para ilustrar esta situação pode-se tomar o exemplo do Massacre de Corumbiara, ocorrido em 09 de agosto de 1995<sup>6</sup>.

Os camponeses organizaram-se no sul de Rondônia e no dia 14.07.1995 ocuparam um dos nove lotes de 2000 ha da fazenda Santa Elina, que fica a 20 km do município de Corumbiara, de propriedade de um fazendeiro residente em São Paulo e proprietário de outras áreas em Rondônia. No dia 18 do mesmo mês, a justiça já tinha dado a liminar de manutenção de posse e expedido intimação para que a Polícia Militar fizesse cumprir a tal liminar.

Neste dia houve o primeiro confronto e um camponês ficou ferido com um tiro nas costas. Em seguida, foi formada uma comissão para tentar resolver o impasse. A comissão era composta por representante do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), do Instituto de Terras de Rondônia (ITERON), da Assembléia Legislativa e do Executivo e presidida pelo deputado Daniel Pereira. Segundo o deputado, a comissão esteve no acampamento dia 03 de agosto e vislumbrava a possibilidade de resolver o problema, mas a comissão não teve tempo de agir<sup>7</sup>.

No dia 08 de agosto a polícia chegou outra vez no acampamento, desta vez com o reforço da COE (Companhia de Operações Especiais) deslocada de Porto Velho, com transporte pago por um fazendeiro. O Comandante conversou com os representantes dos posseiros e estes disseram que não iriam sair da área e que esperariam a resposta da comissão de negociações. A conversa foi testemunhada pela imprensa que em seguida voltou a Vilhena, pois acreditaram que não haveria confronto nas próximas

---

<sup>7</sup> O deputado Daniel Pereira em entrevista à pesquisadora, disse que a comissão já estabelecera as negociações junto ao INCRA e procuraria o próprio fazendeiro proprietário, que segundo o deputado, estava propenso a ceder a área. As pressões vieram então do fazendeiro Antenor Duarte, que segundo muitas testemunhas, foi quem realmente exerceu as pressões sobre o juiz e o comando da PM, financiou toda a operação e, segundo o procurador do Estado de Rondônia José Viana Alves, na Folha de São Paulo em 31.08.00, "Antenor Duarte tem muita responsabilidade porque revirou os quartéis de lá, investiu para que o mandado judicial fosse cumprido, colocou avião e carro a serviço da polícia e infiltrou pistoleiros no meio da PM. Mas o juiz entendeu que não havia indício suficiente para o levar a julgamento".

48 horas.

Os posseiros também festejaram e cantaram o Hino Nacional, pois pensaram que tinham ganhado mais tempo, conforme as palavras do major-comandante da operação. No entanto, na madrugada do dia 09 de agosto o acampamento foi cercado por todos os lados e começou o que foi o Massacre de Corumbiara.

Foi então que Corumbiara entrou no mapa do Brasil pela porta da violência. A imprensa toda mostrou um pouco do que foi aquela tragédia anunciada.

Uma das peculiaridades deste massacre é a presença de um grande número de jovens, quase meninos, no acampamento. No caderno de anotações, anexado ao Inquérito Policial Militar (IPM) aparecem 498 nomes, destes 267 eram solteiros. O que se pode inferir é que são jovens porque segundo um deles:

Aqui nós casa novo, num tem o que fazê, intão é bão tê u'a cumpanhera.

O número 498 citado no caderno de controle de entrada no acampamento pode estar aquém do número real de famílias que estavam lá, pois dentre os 355 presos, 46 nomes não constam no caderno. Mas, segundo informações de um dos apontadores, os nomes que estão no caderno eram de quem estava mesmo dentro do acampamento.

O que comprova o número de jovens também é a lista dos presos encaminhados à Delegacia de Colorado do Oeste, 49 deles eram menores de 21 anos. Entre os mortos estavam os jovens Ênio Rocha Borges, José Marcondes da Silva e Nelci Ferreira, e o menino Darli Martins está desaparecido até hoje.

O número de jovens presos, feridos e mortos só não foi maior porque, segundo eles mesmos, eles conheciam muito bem a área, pois a maioria era

---

<sup>8</sup> São chamadas de linhas as estradas numeradas: linha 5, linha 6 e travessões também numerados. Na década de 70 o INCRA dividiu Rondônia em vários setores e os setores eram subdivididos em lotes de cerca de 2000 ha e as divisas entre os lotes e os setores acabaram muitos deles tornando-se estradas, são as linhas.

dali de perto, filhos de assentados do Projeto de Assentamento Adriana, que é limítrofe a Santa Elina, e dos assentamentos Verde Seringal e Vitória da União e das linhas<sup>8</sup> próximas. Então, o conhecimento da área, a agilidade de locomover-se sozinhos e o espírito de sobrevivência os mobilizou a correr em direção à mata assim que começou o tiroteio.

Tiveram assim a chance de escapar ilesos, embora muitos tivessem sido presos, torturados e mortos.

Em entrevista com os sobreviventes de Santa Elina<sup>9</sup> foram recolhidos muitos depoimentos, declarações e entre eles alguns foram destacados, a dos jovens, que na época eram apenas meninos<sup>10</sup>.

A terra do pai é coisa piquitita, num dá nem pra ele trabaiá...

Aí eu, o meu primo e meu irmão nós pensô, quando a gente invade, primeiro tem a luta, entra, sai, vorta. As puliça vem, o povo sai, o povo vorta, até que o INCRA dispropria, corta os lotes e intrega, aí nós já é de maió. No Adriana foi quatro ano assim.

O pai morreu lavrano a terra de meia e eu num queria isso pra mim.

Aqui na Corumbiara e Cerejeira, ou cê entra na terra ô some no mundo, num tem ota coisa pra fazê...

Nóis num qué sê escravo de fazendero.

As coisa que eu sei fazê é a lida na roça, mas cadê a terra?"

Eu fico de cá dessa cerca e óio aquela fazendona, aquele mundão de terra a toa, dá vontade de cortá a cerca e ...

A cerca nós rebenta ela se não a fome rebenta nós.

O governo precisa intendê que nós só qué a terra, a gente num qué guerra.

---

<sup>9</sup> Em pesquisa de campo nos anos de 98 e 99 entrevistei mais de 100 sobreviventes de Santa Elina e todos os relatos são muito coerentes e as informações são sempre coincidentes

<sup>10</sup> Não são citados os nomes para preservá-los. As falas foram reproduzidas do mesmo jeito que foram ditas.

Tem fazenda aqui que pode andá pedaço do dia na bera e num vê nem uma vaca

Nossa sinhora! Só um pedacinho dessa terra nós fazia o futuro!

Nóis precisa de terra e como nós não tem dinheiro pra comprá...

Os fazendeiro e os grillhero invadiro primero.

O meu pai tinha terra lá no Paraná, mais perdeu e vei prá cá. Pensô que aqui tinha jeito de tê terra de novo. Coitado! Morreu sem terra eu já nasci sem terra.

Eu nasci aqui e já nasci sem terra...

Só rapais novo, colega e amigo meu, nós vei pra mais de 50 no acampamento da Santa Elina.

E assim sucederam-se muitas horas de conversa. Se eles têm dificuldade de expressar-se verbalmente, eles sabem muito bem o que querem e, sobretudo, o que não querem para suas vidas.

Ao conversar com os camponeses jovens que estiveram na ocupação da fazenda Santa Elina, pode-se perceber a grande preocupação que eles têm com o futuro e com a segurança da família que estão começando a formar. Nas suas falas está presente um profundo sentimento de solidariedade.

Eu já tinha vazado no mato e podia tê fugido, mais aí eu vi u'a muiê cuma minina morta nos braço e ôto piazinho garrado nela, aí eu fui ajudá e aí eu fui preso.

O jovem está falando de dona Maria, que estava perdida e desorientada correndo pela mata com a filha, a pequena Vanessa (seis anos) morta nos braços e o filho Romerito (oito anos) desesperado, ambos em estado de choque.

E outro jovem acrescenta: “Eu vortei pra ajudá e levei um tiro, quase murri...” e mostra as cicatrizes dos ferimentos. Este mesmo, na época, tinha 16 anos.

### **3. Considerações que não São Finais**

São muitos os motivos que levaram tantos jovens à luta e até à morte

e tratá-los como bandidos ou marginais é uma forma de fugir da questão e de transferir o problema para aqueles que são as maiores vítimas.

É uma nova geração de camponeses que nega tornar-se marginalizados urbanos, nega abandonar os familiares e ir embora como já viram muitos amigos e conhecidos fazer e nem sempre se deram bem.

Eles não desistem da luta, a maioria está determinada a enfrentar as dificuldades para continuar na terra.

Esta geração parece mais inconformada com a situação em que se encontra e a declaração de seu Raimundo, o pai de Sérgio<sup>11</sup>, é esclarecedora e ao mesmo tempo deve servir de alerta:

Esses menino mais novo é teimoso e mais vintureiro, eu num dexei o Sérgio i não. Mais ele tava iludido, ele pudia trabaia cumigo no meu sítio no Vitória da União.

Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados, a partir de Corumbiara, e este fenômeno está presente em outras regiões de Rondônia e do Brasil.

É uma geração para qual o futuro já chegou.

O que isso significa em termos de repensar a questão agrária e a reforma agrária no Brasil?

Novas e eficazes políticas de acesso a terra precisam ser implementadas urgentemente. O futuro já chegou!

Não se pode empurrar estes meninos e meninas para as “Candelárias” da vida. É preferível, mais humano, mais econômico e mais cristão desapropriar as “Santa Elinas” do Brasil e assentar esses guerreiros e dar a eles as condições para se tornarem cidadãos.

---

<sup>11</sup> O jovem Sérgio Rodrigues Gomes já estava preso no campo de futebol do Assentamento Adriana, Quartel da PM, quando foi retirado na presença de testemunhas e colocado em uma Toyota e 15 dias depois o seu corpo foi encontrado no rio Tanaru a 70 km do local que fora preso. O corpo do Sérgio apresentava, segundo o pai, marcas evidentes de tortura, ele fora executado com tiros na cabeça.

## OS MENINOS VÃO À LUTA

### RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão acerca da luta pela terra no Brasil e, em especial, quer chamar a atenção para a ação dos jovens que, frente ao desemprego e outras políticas de exclusão, vêem, no acesso à terra, uma possibilidade de sobrevivência.

*Unitermos:* Luta pela Terra/ Meninos/ Desemprego/ Políticas de Exclusão.

### THE BOYS GO FOR IT

#### ABSTRACT

The present work is a reflection concerning the fight for the earth in Brazil and, especially, wants to call the attention for the youth's action, wants front to the unemployment, and other exclusion politics, watch, in the access to the earth, a survival possibility.

*Key words:* Fight for the Earth Boys/ Unemployment/ Exclusion Politics.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Processo crime “caso Corumbiara”. Tribunal de Justiça de Rondônia - Porto Velho. 1995 e 2000.

Pesquisa memorial – entrevistas com os camponeses que estiveram no Santa Elina.

OLIVEIRA, A. U. de. *A Geografia das lutas no campo*. São Paulo: Contexto, 1998.

